



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA



IZABEL FRANCO DE ARAÚJO SANTOS

A INTRODUÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**MAMANGUAPE/PB
2020**

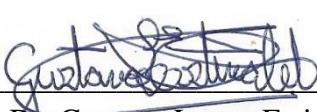
IZABEL FRANCO DE ARAÚJO SANTOS

A INTRODUÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Profa. Dra. Elaine Espindola Baldissera – UFPB
Orientador/Presidente



Prof. Dr. Gustavo Lopez Estivalet – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Me. Massilon Moreira Júnior – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB
2020



A INTRODUÇÃO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Izabel Franco De Araújo Santos – UFPB – aaron_cgr@hotmail.com

Profa. Dra. Elaine Espindola Baldissera (orientadora) – UFPB –
 elaespindola.ufpb@gmail.com

Prof. Dr. Gustavo Lopez Estivalet – UFPB – gustavoestivalet@hotmail.com

Prof. Me. Massilon Moreira Júnior – UFPB – moreira.junior@live.com

RESUMO

A conscientização sobre introduzir uma segunda língua na educação infantil é essencial, visto que o período da primeira infância da criança é marcado pela plenitude de suas capacidades de desenvolvimento cerebral, e consequentemente maior habilidade para aprendizagem. Mediante isso, visamos investigar a capacidade de aquisição de uma segunda língua em uma criança na primeira infância, e ressaltar os resultados satisfatórios e benéficos que esta antecipação na introdução de uma segunda língua pode trazer. Por meio desta pesquisa, compreendemos que no processo de aprendizagem, o fator idade ligado ao fator ensino tem se mostrado fatores prejudiciais no processo de aquisição de uma segunda língua, mas que ao serem tratados, e unidos os estímulos corretos, tornam-se fundamentais para a obtenção de resultados de aprendizagem eficazes para a criança, através de um melhor desenvolvimento linguístico de uma segunda língua.

Palavras-chave: Aprendizagem. Primeira infância. Estímulos. Segunda língua.

ABSTRACT

Awareness regarding the introduction of a second language in early childhood education is essential, since children's early childhood period is marked by the fullness of their brain development resources, and consequently greater learning ability. With this in mind, we aim to investigate the ability to acquire a second language in a child in early childhood, and to highlight the satisfactory and beneficial results that this anticipation in the introduction of a second language can bring. Through this research, we understand that in the learning process, the age factor linked to the teaching factor has been predetermined, but that when they are corrected, and the correct stimuli are united, they become fundamental to obtain effective learning outcomes for the child, through better linguistic development of a second language.

Keywords: Learning. Early childhood. Stimuli. Second language.

1 INTRODUÇÃO

Os usos da língua inglesa (LI, doravante) transcendem a sala de aula e através do processo de globalização, podemos atestar que o inglês tem um fator importante na disseminação desse processo. De acordo com Cristovão e Gamero (2009, p.232) “a aprendizagem de LI na infância pode levar a criança a ampliar seus horizontes e romper barreiras culturais, evoluindo para uma aprendizagem efetiva”. No cotidiano geral, uma pessoa proficiente em LI tem mais chances de êxito em sua carreira profissional que uma pessoa que domina apenas sua língua materna, conforme diagnosticado pela “53^a edição da Pesquisa Salarial da Catho aponta o peso da fluência no idioma no salário de profissionais de diferentes níveis e foi concluído um aumento salarial equivalente a até 70% em relação aos que não possuem essa habilidade” PASQUALINI (2019, p.3) . De acordo com Gimenez (2006, apud Cristovão e Gamero, 2009) o inglês tem ganhado destaque mundial diante das outras línguas, criando um tipo de ordem linguística mundial, por tal motivo tem se tornado preterida entre os países em geral, seja para alguém que deseja viajar a passeio ou para realizar estudos fora do país. O domínio uma segunda língua é fundamental para conseguir estabelecer uma comunicação viável, independente da finalidade. Desta forma, a aquisição da LI como segunda língua (L2, doravante) faz-se necessária, e o êxito se dá, grandemente, por introduzi-la ainda na tenra infância.

A aprendizagem de uma L2 tem se tornado o diferencial no desenvolvimento pessoal e intelectual e o inglês tem se tornado uma L2 bem requisitada depois da língua materna e é também a língua mais falada no mundo segundo Silva e Costa (2018). Ao tratarmos da introdução de uma L2 na educação infantil propriamente, queremos destacar a importância tanto para o aluno em sua vida acadêmica e profissional como para o sistema educacional escolar. Neste trabalho vamos apresentar uma descrição expositiva entre idade, capacidade e aprendizagem da criança para entendermos como o contato precoce com uma L2 pode potencializar um aprendizado eficaz.

O objetivo deste trabalho é investigar até que ponto a introdução de uma segunda língua nos anos iniciais da criança é mais eficaz se comparada a uma aquisição tardia, e como essa aquisição linguística pode impactar no processo de aprendizagem com resultados satisfatórios. Visamos ressaltar que ensino na primeira infância é um potencializador no desenvolvimento futuro da criança. Para tal, propomos os seguintes objetivos específicos

- (i) Descrever a capacidade da criança, baseado no seu desenvolvimento cerebral especificamente na fase pré-escolar, ou comumente chamada de primeira infância;
- (ii) Discutir o papel do sistema educacional e como ele tem explorado essa competência;
- (iii) Analisar a importância dos estímulos no processo de aprendizagem;
- (iv) Investigar a eficácia da aquisição de uma L2 na fase inicial.

Estes objetivos nos permitirão explorar o aprendizado infantil de uma L2. Nossa perspectiva é esclarecer sobre o melhor período para a criança iniciar a aprendizagem de uma segunda língua, para tal estudaremos sobre as questões neurológicas que envolvem o processo de aprendizado, bem como a hipótese do período crítico, para assim embasarmos o conceito de aprendizado na primeira infância. Observamos que o sistema educacional em nosso país introduz o inglês como segunda língua apenas no ensino fundamental 2, ou seja, a partir do 6º ano, logo a faixa de idade para tal série é compreendida a partir dos 10 anos, as exceções para esta regra são raras no sistema público de educação. Portanto, partindo da perspectiva de que o desenvolvimento nos anos iniciais é fundamental para alcançar a aquisição de uma L2, é preciso avaliar o sistema educacional, e investir na introdução e aprofundamento desde o ensino infantil. Como desdobramento da presente pesquisa, visamos apresentar implicações para o incentivo da introdução de uma segunda língua no processo educacional da criança, de modo que professor/escola/pais invistam nesse processo, conscientes de sua eficácia.

O presente artigo está subdividido em três seções. A primeira sessão compreende um estudo sobre o desenvolvimento infantil na primeira infância, onde o desenvolvimento neural mediante aporte de estímulos resulta em aprendizado. Logo esses estudos nos serviram de base para compreendermos os fatores que promovem ou prejudicam o desenvolvimento infantil, sendo estes a segunda e a terceira sessão respectivamente. Ao desenvolvermos a segunda sessão sobre os fatores prejudiciais no desenvolvimento, nos deteremos em duas questões, a primeira será a idade, na qual focaremos nosso estudo na hipótese do período crítico, e a segunda será o ensino, onde avaliaremos as deficiências na área educacional. A terceira e última seção compreende os fatores que promovem o desenvolvimento, na qual vamos abordar os estímulos corretos para o desenvolvimento e aprendizado eficaz na criança.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

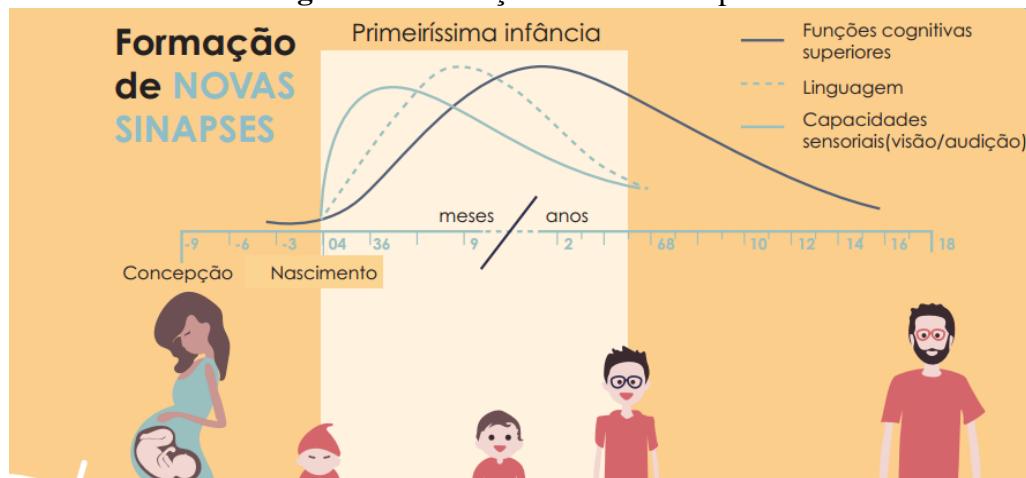
2.1 DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Os primeiros seis anos de vida da criança, ou também conhecido pela primeira infância é a fase de grande desenvolvimento, marcada por abundante aprendizado, onde 700 novas conexões sinápticas são formadas por segundo de acordo com Santos, Porto, Lerner (2014). É nesse período que o cérebro desenvolve a maior parte das ligações entre os neurônios. Segundo Sant'Ana (s.d, p.2) “Aproximadamente até o final do primeiro trimestre de vida embrionária o embrião já possui cerca de 80% dos neurônios que terá durante sua vida toda” mas que ainda passarão pelo processo de maturação neural. Os processos cognitivos, bem como os cinco sentidos, a parte interacional social e afetiva, fazem parte desse desenvolvimento e são resultados em grande parte dos estímulos recebidos. Essa atividade do cérebro infantil é enfatizada por Viera (2016)

O cérebro infantil tem de trabalhar incansavelmente: é duas vezes mais ativo do que o de um adulto. Para dar conta de tamanha atividade, 75% da energia do corpo é destinada ao desenvolvimento neurológico. Nessa fase, os neurônios formam de 700 a mil novas conexões por segundo. O resultado de tudo isso pode ser notado a olhos vistos: até os 3 anos de idade, o cérebro atinge 87% do tamanho que terá no futuro. (VIEIRA, 2016, n. p.)

Essa desenvoltura cerebral intensa na fase da primeira infância, marcada pela formação ávida de novas sinapses são a causa do melhor desenvolvimento de habilidades na criança, ou seja, uma criança detém maior capacidade de desenvolvimento se comparada a um adulto. Esse período também conhecido como período sensível é o ápice do desenvolvimento cerebral de um indivíduo. Este processo pode ser visualizado na figura a seguir.

Figura 1 – formação de novas sinapses



Fonte: Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal (2020).

Mediante tamanha capacidade neural infantil podemos afirmar que o processo de aprendizagem linguística na primeira infância se torna mais eficaz, visto que com o passar dos anos suas funções cognitivas tende a amadurecer. Em adultos o desenvolvimento cerebral por meio dos neurônios e consequentemente das sinapses já não existem conforme Sant'Ana (s.d.) afirma, e por esse motivo se torna mais difícil o processo de aprendizagem. Ainda segundo a autora, a aprendizagem se torna mais fácil em crianças pelo fato do cérebro apresentar uma aceleração nesse processo, ela classifica este período como o mais ativo em formações sinápticas, e alerta que o declínio já inicia-se na adolescência. É importante ressaltar que estamos tratando de crianças que não possuem problemas genéticos, biológicos ou orgânicos, ou seja, crianças que estão em pleno e normal exercício de suas capacidades facultativas.

A forma como a criança adquire sua linguagem tem sido objeto de estudos de muitos pesquisadores e cientistas. De acordo com Silvestri (2013), a aquisição fonológica de uma criança está ligada de forma inicial aos seus cinco primeiros meses de vida, contudo é por volta dos oito meses que o desenvolvimento linguístico realmente exterioriza-se, logo nesta fase a criança já comprehende o som e o sentido das palavras. O referido autor diz que

Do ponto de vista formal, a linguagem é formada por vários subtemas, que são objeto de estudo tanto no adulto como durante a aquisição de linguagem: o fonológico, o morfológico, o léxico, o sintático e o semântico. Até aos 5 anos de idade, a criança já domina as estruturas linguísticas e o léxico básicos que lhe permitem se comunicar com desenvoltura. (SILVESTRI, 2013, p. 229).

De acordo com Ferreira Junior (2008) os estímulos que a criança recebe são responsáveis por disparar as conexões sinápticas, agindo assim na consolidação do aprendizado e no fortalecimento dos mecanismos de memória, atenção e consciência, logo o processo de repetição é um importante estímulo para o reforço destes mecanismos. Ainda segundo o autor, podemos afirmar que os fatores neurobiológicos e contextuais podem influenciar nesse processo.

Ao analisarmos o desenvolvimento infantil, fundamentalmente a primeira infância, deduzimos ser essencial o processo de aprendizado nesta fase, contudo há alguns fatores que podem influenciar prejudicialmente no desenvolvimento da aquisição linguística. Passaremos a apontá-los na seção a seguir.

2.2 FATORES QUE PREJUDICAM O DESENVOLVIMENTO

2.2.1 IDADE

Quando tratamos de aprendizagem e desenvolvimento, a questão da idade é um fator determinante no êxito. Essa ideia não é recente, pelo contrário, há uma hipótese chamada período crítico que vem sendo discutida há décadas. Essa hipótese está ancorada no conceito base da maturação cerebral, mas ainda deixa brechas por meio de contra-argumentos ligados a teoria. Sobre esta hipótese considera-se que:

A teoria do período crítico baseia-se no desenvolvimento neurológico e na importância do *input* para a aquisição da linguagem. Enquanto o sistema neurológico está imaturo, a natureza do *input* determinará o seu desenvolvimento. Mas se a maturidade já foi alcançada, é improvável que o sistema possa ser modificado por influências ambientais. Lenneberg (1967) foi um dos primeiros defensores dessa teoria. Para ele, a época oportuna para a aquisição da linguagem cessaria na puberdade. Já para outros autores, seria após a idade de cinco anos. (MOGFORD E BISHOP, 2002, apud SANTANA, 2004, p. 344).

O conceito de *input* linguístico se refere a uma totalidade daquilo que corresponde a língua oral e falada que a criança absorve no ambiente em que vive, ou seja, é a assimilação dos dados linguísticos por parte da criança mediante a fala dos que a cercam. Conforme Costa, Costa e Gonçalves (2017) a forma como o indivíduo adquire uma linguagem com regras e princípios espontaneamente a partir do seu nascimento e não baseado em ensino formal, mas baseado no *input* linguístico formam o que podemos chamar de conhecimento implícito. Logo, um dos processos que promovem a aquisição, tanto de uma primeira língua quanto de uma segunda língua, é a competência de ouvir e compreender o *input* adquirido por meio desse conhecimento implícito. Segundo Santana (2004, p.344) “Enquanto o sistema neurológico está imaturo, a natureza do *input* determinará o seu desenvolvimento”, portanto a potencialidade do desenvolvimento dependerá do *input* disponibilizado a criança.

Sant’Ana (s.d) alega que a hipótese do período crítico sustenta a ideia de que a aquisição de linguagem é mais fácil na primeira infância, período em que as alterações cerebrais aumentam a capacidade de desenvolver e aprender novas habilidades e complementa que o desenvolvimento tardio pode ser prejudicado por vários fatores. Santana (2004) destaca que para essa teoria, influências decorridas no ambiente de vivência só serão válidas nos anos

iniciais da criança, logo, se torna improvável que elas modifiquem o sistema neurológico após a maturidade. De acordo com Lenneberg (1967) as habilidades linguísticas são mais facilmente adquiridas na infância, especialmente a pronúncia. Apesar de não haver uma conclusão sobre essa hipótese, há teses e argumentos a serem discutidos e levados em consideração no processo linguístico-cognitivo partindo de uma abordagem da neurolinguística. Queremos igualmente destacar o importante conceito de tempo para esta hipótese, já que ele é fator determinante nesse processo.

A idade crítica refere-se, em geral, a um período predeterminado (e teleológico) para a aquisição da linguagem, um período que tem começo, meio e fim. Sendo um período baseado fundamentalmente na maturação cerebral, cumpre determinadas etapas. Etapas essas que são definidas por padrões numéricos de idade cronológica. (SANTANA, 2004, p. 344-345)

Podemos afirmar então que essa medição cronológica de tempo onde anos, meses, e dias podem ser convertidos em fases, etapas, e períodos, se tornam fundamentais na aquisição da linguagem, especialmente na infância. De acordo com esse conceito, Santana (2004) levanta uma problemática em torno das diferenças individuais, ou seja, as diferenças de criança para criança no processo de aquisição da linguagem são reais e precisam ser levadas em consideração já que impactam diretamente na aquisição da linguagem, e impedem a delimitação precisa de desenvolvimento infantil.

Esse conceito de tempo também reforça a ideia que a idade traz limitações. Barbizet e Duizabo (1985 apud Santana, 2004) defendem que a maturação cerebral da criança atingida logo após o nascimento é inútil sem a estimulação vindos do ambiente social, e que apesar desse conceito ser uma hipótese, de fato algo modifica o cérebro permitindo novas configurações neurais quando há a intervenção de estímulos. Mayberry (1992 apud Santana, 2004, p.347) prova a importância dos estímulos após conduzir pesquisa e concluir que o fator de desenvolvimento linguístico das crianças se deve “a abundância e a riqueza do *input*, acessível e disponível para a criança durante toda a sua infância”.

Quando tratamos de uma L2, a relação entre idade crítica e aquisição desta língua é pautada principalmente pela pronúncia, sendo este um forte argumento nessa relação. A explicação para este argumento está no fato da criança aprender a primeira língua ou língua materna de forma espontânea por meio dos estímulos e do *input* que ela adquiriu no meio em que vive, logo ela passa a ouvir e pronunciar antes mesmo que saiba ler e escrever.

Newport e Johnson (1999 apud Santana, 2004) defendem que a maturação cerebral infantil permite que a criança tenha vantagem no processo de aquisição de uma segunda língua, inclusive na pronúncia. De acordo com Santana (2004), a pronúncia de um falante nativo é diferente de um falante tardio, isso não quer dizer que um adulto não tenha condições de adquirir uma segunda língua, mas que uma criança tem mais habilidade nesse processo, sendo assim, a primeira infância se torna um fator significativo na discriminação fonética de uma língua. Nesse processo de aquisição de uma segunda língua, a fonética de primeira língua se mantém mais imperativa, e pode dificultar a aquisição da parte fonológica da segunda língua em alguns casos.

Na hipótese do período crítico, a concepção de linguagem está ligada a capacidade biológica através do processo de maturação cerebral, ou seja, a finitude do processo de desenvolvimento cerebral por meio do processo de maturação. Nesse processo de maturação, o cérebro desenvolve-se até certa idade, e a infância passa a ser o período de desenvolvimento em que a janela do aprendizado está aberta, porém ao chegar na puberdade, o cérebro atinge sua maturação e fecha a janela do aprendizado. Apesar dos principais teóricos da hipótese do período crítico defenderem rigidamente o período de início, meio e fim do desenvolvimento (por volta da puberdade), há muitas evidências que comprovam que é possível dar continuidade ao processo de aprendizagem, dentre as quais podemos citar “os surdos que aprendem língua de sinais em idade adulta, os adultos que aprendem uma segunda língua em sua forma sem sotaque, a evolução das afasias em adultos, as dificuldades de evolução em crianças afásicas, a plasticidade audiológica” (SANTANA, 2004, p. 353). Para que a ideia do período crítico seja aceita, é preciso levar em consideração que a plasticidade cerebral é contínua, que os processos cognitivos sofrem mudanças e, que o aprendiz depende dos estímulos do contexto social em que vive.

Santana (2004, p. 348) afirma que “um cérebro maduro não implica ausência de plasticidade cerebral. A plasticidade e a reorganização cognitiva continuam além da infância”, e isso prova que o cérebro é dinâmico e flexível, dotado de capacidade de readaptação e mudança ao longo da vida, por meio da estimulação dos neurônios, e consequentemente do desenvolvimento das funções cerebrais, mesmo após esta infância. É importante ressaltar que, de acordo com Rocha (2007) a partir dos doze anos aproximadamente, as dificuldades para aprender uma nova língua aumentam.

2.2.2 ENSINO

É interessante pensarmos que o processo de ensino começa antes mesmo da criança adentrar em uma escola, logo essa responsabilidade torna-se fundamentalmente dos pais, a partir do momento em que ela nasce, ou mesmo antes já que a criança inicia seu desenvolvimento ainda no período de gestação segundo Luz (2020). Os relacionamentos efetivos ligados ao ambiente em que ela cresce ensinam e desenvolvem a criança fisicamente, cognitivamente, socioemocionalmente e linguisticamente, e a esse respeito Santos, Porto, Lerner (2014), afirma que:

Especialmente na primeira infância, a aprendizagem é fortemente influenciada por todo o meio onde a criança se encontra e com o qual interage. A criança aprende no ambiente de seus relacionamentos, que por sua vez afetam todos os aspectos de seu desenvolvimento. A promoção do desenvolvimento integral saudável, com nutrição e cuidados de saúde adequados, ambiente familiar afetivo, seguro e estimulante, relações estáveis e incentivadoras, além da oferta de educação de qualidade, fornecem o alicerce para que cada criança viva bem no presente e alcance seu potencial pleno no futuro. (SANTOS, PORTO, LERNER, 2014, p.4).

No quesito ensino e validação da aprendizagem, sabemos que a escola juntamente com os professores cumpre um papel fundamental no desenvolvimento da criança capaz de influenciar e afetar o ensino. De acordo com Sant'Ana (s.d.) avaliar a predominância de hora de atenção, bem como de sonolência, são exemplos de fatores que são determinantes no resultado da aprendizagem. O cérebro precisa estar preparado para aprender, e a compreensão da individualidade da criança é fundamental nesse processo.

Outro papel importante da escola é a responsabilidade de corrigir possíveis falhas no processo de aquisição linguística espontânea da criança. Almeida ([201-?], p. 8) declara que “A escola legitima a supremacia da cultura escrita sobre as culturas orais. Ao relacionar o ensino da linguagem com as regras gramaticais, reforça a compreensão de que a norma válida é a dos padrões escritos formais, a norma culta.” O ensino na primeira infância é importante, visto que o investimento educacional feito nessa idade garante a potencialização do desenvolvimento futuro da criança, seja com níveis socioeconômicos e qualidade de vida, seja para a sociedade como um todo ou para o indivíduo.

De acordo com Luz (2020) estudos mostram que ao investir na educação, o governo tem em média uma taxa de retorno na economia de 12,5% a 15% ao ano através de programas

sociais, menor violência, e salários maiores, que sobem cerca de 25% para as crianças estimuladas na infância. Além disso, o investimento no desenvolvimento infantil combate as desigualdades, ajuda a quebrar o ciclo de pobreza de uma sociedade, e age transversalmente afetando outras áreas como saúde, educação, segurança, trabalho, etc., pelo fato de dar ao indivíduo maior escolaridade, melhor inserção no mercado de trabalho, menos despesas com programas de auxílio do governo, menos envolvimento com criminalidade e vícios, e melhores condições de saúde. Através desse ponto de vista, Santos, Porto, Lerner (2014) endossam que o ensino na primeira infância deveria ser uma prioridade governamental, visto os benefícios que por ele são produzidos e impactam diretamente na futuridade da criança. A aquisição de uma L2 torna-se o diferencial no nível pré-escolar, visto a importância da mesma no futuro da criança, potencializando os resultados benéficos para a criança e para a sociedade. Tais resultados podem ser visualizados na figura abaixo:

Figura 2: Efeitos positivos da pré-escola.



Fonte: Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal (2020).

Muitas leis foram criadas para assegurar o direito da criança por décadas, mas em 2016 foi criado o marco legal da primeira infância. Segundo Luz (2020, p.8) esta é “uma lei que amplia os direitos dos pequenos e especifica ações para atender à faixa de 0 a 6 anos”, ou seja, os governos deveriam expandir o ensino fornecendo suporte aos pais e criando espaços lúdicos para proporcionar o pleno desenvolvimento da primeira infância.

Apesar dos direitos da criança a creche (0 a 3 anos) e pré-escola (4 e 5 anos), ainda há uma grande ausência infantil nas mesmas. Ainda segundo Luz (2020), cerca de 10% da população brasileira está na faixa da primeira infância, destas menos de 50% estão em creches e cerca de 300.000 crianças estão fora da pré-escola, e apesar dos motivos desta ausência serem diversos, os motivos que mais pesam nesses números são a falta de suporte adequado dos governos ou por falta de estímulos dos pais.

O problema na questão do ensino de línguas na primeira infância é que as escolas não possuem recursos e estruturas para dar o suporte adequado no ensino, ou apoiam a introdução dessa segunda língua, já que a inclusão do inglês no currículo escolar nos anos iniciais é facultativa em escolas privadas e rara em escolas municipais, mas que apesar de opcional, o ensino de uma L2 tem se mostrado parte integrante na matriz curricular de escolas particulares do ensino infantil até o médio, ausente nos ciclos iniciais da escola pública, e rara em ambas na fase pré-escolar. Esse fato de acordo com Rocha (2007) nos leva a refletir sobre a questão da exclusão social das classes menos favorecidas, e acrescenta que a quantidade de alunos em sala de aula, o restrito número de horas semanais, o despreparo dos professores são questões que tornam o ensino ineficiente e conflituoso. Toda essa problemática que envolve a aquisição de uma segunda língua comprometem o ensino e a aprendizagem do aluno.

Segundo Costa, Costa e Gonçalves (2017) um ponto importante a ser destacado é que a escola assume o significativo papel de promover o desenvolvimento do conhecimento implícito adquirido pela criança, seja ainda na primeira infância ou posterior a ela. Essa questão nos leva ao problema atual na aquisição de uma segunda língua, visto que as escolas têm incluído tardeamente a língua inglesa no ensino da criança. Assim sendo, a pergunta que eclode é “como desenvolver algo que está começando tardeamente?” ou mais especificamente “como desenvolver a segunda língua se não há conhecimento implícito na criança, ou se o conhecimento implícito é insuficiente?”. A resposta plausível para estas perguntas está no fato de escolas iniciarem a formação de um conhecimento implícito na criança ainda na primeira infância, abrangendo todos os níveis escolares, começando desde a pré-escola e seguintes níveis, fazendo o uso de estímulos e atividades adequadas para tal.

2.3 FATORES QUE PROMOVEM O DESENVOLVIMENTO

2.3.1 ESTÍMULOS

O conceito de estimular a criança contribui efetivamente para seu desenvolvimento, seja cognitivo, motor ou linguístico. Os estímulos, além de serem fundamentais nesse processo de desenvolvimento, eles são a fonte dos resultados, visto que a criança vai corresponder aos estímulos que recebe. O ideal seria que pais, educadores e responsáveis pudessem proporcionar experiências linguísticas através dos estímulos corretos, e assim contribuírem para o desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança. De acordo com Almeida ([201-?]) são essas relações sociais que configuram os códigos linguísticos desenvolvidos na criança.

Corroborando o pensamento de Moon (2001), McKay (2006) prossegue enfatizando os resultados da aprendizagem de línguas por crianças dependem substancialmente de diversos fatores tais como exemplo de exposição a língua-alvo, a qualidade e a variedade dessa exposição, adequação dos objetivos ao contexto de ensino, como também a proficiência (Scaramucci, 2000). (ROCHA, 2017, p. 276)

O desenvolvimento de uma criança é marcado pelos processos interativos a que ela é submetida. Silvestri (2013) ao mencionar Vygotsky, pensador na área da educação e do desenvolvimento da criança, psicólogo e apoiador da abordagem interacionista, destaca que qualquer que seja a atividade rotineira em que a criança está envolvida é uma possibilidade de aprendizagem linguística. A abordagem interacionista de Vygotsky aponta para o processo de aprendizagem que ocorre através da mediação entre os adultos e as crianças. Podemos então afirmar que a criança adquire e constrói sua linguagem mediante sua interação com o ambiente e com as pessoas daquele meio. Rocha (2007) afirma que a construção de interações reforça a necessidade de compreendermos a importância da afetividade no processo de aprendizagem de uma nova língua, bem como as habilidades de fala, escuta, leitura e escrita, vocabulário e gramática no referido processo. O autor continua afirmando que esse processo interacional exerce impacto decisivo e direto no processo de aprendizagem e “considera a linguagem como instrumento mais importante no crescimento cognitivo” (ROCHA, 2007, p.287)

Partindo desse conceito interacionista, Cristovão e Gamero (2009) defendem que o conhecimento é sempre adquirido através de atividades coletivas e sociais mediante interações verbais. Logo, é o fator comunicativo que comanda a esfera da atividade, e articula a prática. Rocha (2007) endossa que atividades voltadas para prática da linguagem, levam a criança a desenvolver diversas operações cognitivas, inclusive praticar a linguagem, porém não de forma direta ou essencial, o contrário acontece com tarefas, que são por sua vez focadas especificamente no objetivo proposto.

A principal idéia defendida é a de que o desenvolvimento dos indivíduos ocorre em atividades sociais, em um meio constituído e organizado por diferentes pré-construídos e através de processos de mediação, sobretudo os languageiros. Com isso, desde seu nascimento, eles podem ir se apropriando desses pré-construídos sociais, o que permite seu desenvolvimento e, dialeticamente, lhes permite contribuir para a transformação permanente dos pré-construídos. (MACHADO, 2009, apud Cristovão e Gamero 2009, p.231).

Ao tratarmos sobre as atividades a serem aplicadas no ensino de uma segunda língua, gostaríamos de apontar que o ensino interdisciplinar é muito importante, já que o ensino de outras disciplinas pode ser incluído no processo de aprendizado de uma segunda língua conforme Rocha (2007) afirma. Para o referido autor, essa forma de ensino é mais motivante que apenas estudar a língua por si só, além de explorar a imaginação, criatividade e potencial da criança. Essa forma de ensino torna a aprendizagem enriquecedora, e possibilita um maior desenvolvimento cognitivo e linguístico.

De acordo com Rocha (2007) as crianças possuem o foco de atenção diferenciado por ser espontâneo e periférico, e por esse motivo elas não precisam de tanto esforço para aprender línguas, no entanto não há uma maneira uniforme de aprendizado, as crianças aprendem uma língua-alvo diversas formas, seja através do processo de repetição e imitação, ou despropositadamente brincando ou cantando. O autor ainda destaca que

A importância de vários fatores, tais como, do desenvolvimento intelectual da criança, da adequação do processo ao seu foco de atenção (geralmente curto), do estímulo a todos os sentidos da mesma durante o processo, do respeito aos fatores afetivos no ensino, e finalmente, do uso autêntico e significativo da linguagem. (ROCHA, 2007, P. 283)

Nesse processo de desenvolvimento e aquisição de L2, o estímulo a memorização é fundamental para estabelecer a linguagem, logo, o ato contínuo de repetição faz com que a criança memorize as palavras, os sons, e o significado delas. Para Almeida ([201-?], p. 7) “aprender a falar é resultado de um trabalho de trocas sociais e linguísticas constantes, algumas vezes até difícil, mas com resultados assegurados”. Para uma criança, especialmente em sua primeira infância, Cristovão e Gamero (2009) afirmam que atividades interativas como brincar, jogar, cantar, assistir, ouvir histórias, são importantes estímulos, e se tornam imprescindíveis na educação infantil.

2.3.2 ATIVIDADES

A leitura é um dos meios para o desenvolvimento da linguagem oral, a atenção, a concentração, o vocabulário, a memória e o raciocínio e estimula a curiosidade, a imaginação e a criatividade. Para Almeida ([201-?]) a leitura serve como forma de exercitar esses fatores, destacando em especial o pensamento e a memória, logo a leitura em voz alta é fundamental para uma criança em primeira infância que ainda não sabe ler, para que no futuro quando ela tenha domínio da leitura, sua mente use todo o sistema cognitivo para processar e assimilar o conteúdo da leitura. A leitura torna-se um dos meios para estimular a aprendizagem e a compreensão linguística.

Sato (2019) afirma que a leitura na primeira infância é um grande passo na alfabetização de uma criança e é responsabilidade do “mediador, promover as rodas de histórias, e transformar o momento da leitura em algo agradável e prazeroso” (SATO, 2019, p.142). Em vista disso, considera-se que “família é fundamental na introdução da criança ao mundo da leitura, pois os pais podem estimular o hábito de ler desde o nascimento, e assim os professores dão continuidade no processo de incentivo à leitura” (SATO, 2019, p.142). Partindo deste raciocínio queremos destacar que a consciência familiar sobre a importância da leitura é essencial, especialmente para o enriquecimento linguístico da criança.

No tocante a música, Rocha (2007, p.301,302) cita Brewster, Ellis e Girard (2002), afirmando “que a ‘natureza repetitiva e rítmica’ das mesmas faz delas um excelente veículo para o processo de ensino-aprendizagem de LE na infância”, sendo estas fontes de “recursos linguísticos, afetivos, cognitivos e sócio-culturais” uteis na “prática da pronúncia, tonicidade, ritmo e entonação”. Desta forma, essa gama de habilidades desenvolvidas e enfatizadas pelo processo de repetição natural fortalece especialmente o “desenvolvimento da concentração, memória e coordenação da criança”. As músicas são funcionais para estimular, encorajar e engajar no aprendizado, podendo serem exploradas em vários contextos e na interdisciplinaridade do ensino, devido ao seu aspecto agradável e flexível.

As atividades com jogos, brincadeiras e dramatização são formas divertidas de aprender. Rocha (2007, p. 302) menciona Lewis e Bedson (2000), ao concordar que esse tipo de atividade segue a concepção Vygotskiana ao se tornarem “instrumento mediador do desenvolvimento da criança”, afirmando que esta ferramenta é essencial no processo de aprendizagem da criança. As referidas atividades se tornam o instrumento de interação com o meio em que a criança vive através das experiências que propiciam, e contribuem

significativamente para fixação de aprendizagem. Rocha (2007) pontua que a interação mútua entre adultos e criança, tornar-se essencial para a constituição da linguagem.

Todo esse compêndio de atividades, dentre muitas outras, tem a finalidade de internalizar e potencializar o processo de aprendizagem de uma segunda língua. A esse respeito, a atividade deve cumprir duas funções:

A primeira é o seu papel de exercitar, no campo imaginário, a capacidade da criança de planejar, imaginar e representar papéis do quotidiano. Sua outra função é a de explorar o caráter social [...], ou seja, a de promover a adequação da criança as regras sociais e cultuais constitutivas dessa prática social. (ROCHA, 2007, p.303)

Compreende-se que as atividades acima citadas, unidas ao afeto, companhia, experiências, são uteis no desenvolvimento, segundo Luz (2020), e tornam-se o meio de potencializar os resultados de aprendizagem. Ao fazermos uso desse compêndio de atividades no processo de aquisição de uma L2, ou propriamente da LI, obtemos resultados satisfatórios de aprendizagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Através de uma pesquisa bibliográfica de materiais publicados e disponibilizados digitalmente, fizemos uma análise do tema aqui discutido, levando em consideração livros, teses, artigos, revistas e fontes on-line, que forneçam dados e conteúdo confiáveis para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico. Através da leitura e de informações pertinentes ao tema proposto é que este artigo foi construído.

De forma descritiva, faremos uma avaliação de estudos científicos já publicados sobre o desenvolvimento infantil na primeira infância, levantamos as conclusões sobre o tema proposto. Utilizaremos o método argumentativo-indutivo, para levantar os problemas que se tornam empecilhos na aquisição de uma L2, como introdução tardia, ensino superficial, estímulos fracos, falta de empenho dos pais, professores e escolas, dentre outros. Por meio do desenvolvimento destes possíveis problemas, levantaremos possíveis soluções, a fim de contribuir no processo de desenvolvimento e aprendizagem de uma L2 na criança.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao explorarmos o desenvolvimento infantil, juntamente com os fatores que podem promover ou prejudicar esse desenvolvimento, queremos demonstrar a importância da primeira infância nesse processo de aprendizado, bem como destacar a relevância dos estímulos disponibilizados a criança.

A partir dos estudos científicos sobre o desenvolvimento cerebral e neural infantil, concluímos que acontece um desenvolvimento por inteiro da criança, ou seja, há um desenvolvimento desde a parte motora que compreende as capacidades físicas, até a cognitiva que compreende as capacidades mentais. De acordo com Sant'Ana (s.d.), esse processo inicia-se ainda na vida embrionária e fetal a partir da genética e estímulos bioquímicos gerados pelo meio interno, e posteriormente por estímulos externos, que são capazes de afetar o bebê desde os últimos meses da gravidez e seguir pelos primeiros anos de vida da criança.

Domingues (2007, apud Sant'Ana, s.d.) afirma que apesar da imaturidade após o nascimento, já há indícios de capacidade inicial de aprendizado. A partir do nascimento, os estímulos que a criança recebe são determinantes para organização, formação e desenvolvimentos de suas capacidades, logo a infância é o período de maior desenvolvimento cerebral, baseado nas experiências que ela vive.

Um fato destacado por Aamondt e Wang (2013, apud Sant'Ana, s.d.) é que a atividade sináptica se apresenta 25% menor em adolescentes se comparado com crianças, isso nos leva a considerar que com o passar do tempo a força das sinapses tendem a diminuir, dificultando o processo de aprendizado. Esse fato endossa a hipótese do período crítico, ao ressaltar que o fator idade, especialmente infância, é importante na efetivação do desenvolvimento e aprendizado. Contudo, é igualmente significativo salientar que não há um limite de idade estabelecido para que ocorra esse desenvolvimento, e neste caso destacamos a importância da plasticidade cerebral, ou seja, os processos regenerativos através dos neurônios e sinapses que permitem que o desenvolvimento e reorganização das funções cerebrais façam com que o processo de aprendizagem nunca cesse.

O principal conceito em questão é a facilidade que a criança desfruta no processo de aprendizado, por efeito do seu desenvolvimento cerebral diferenciado das demais faixas etárias. Os estímulos que essa criança recebe através da interação com o meio em que vive, torna-se essencial para a plasticidade segundo Sant'Ana (s.d.).

A apresentação de três conceitos chaves podem resumir e esclarecer a presente pesquisa, a maturação cerebral, a plasticidade cerebral e os períodos sensíveis. A maturação cerebral que

é o processo de finitude de desenvolvimento cerebral por meio do processo de maturação. A plasticidade cerebral que é a capacidade de reorganização cerebral influenciada pela experiência de estímulos, que não tem fim, mas estende-se durante toda a vida. E os períodos sensíveis que é o período de maior capacidade do cérebro de desenvolvimento e maleabilidades onde o cérebro apresenta maior plasticidade cerebral e está em desenvolvimento a maturação cerebral. A primeira infância é o período sensível, como foi ilustrado anteriormente pela figura 1, portanto podemos considerá-lo o melhor período para introdução de uma segunda língua.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos a capacidade em que uma criança detém em sua primeira infância, através de seu desenvolvimento cerebral, e crescente formação de sinapses, compreendemos ser este o melhor período para dar início ao processo de desenvolvimento da aprendizagem, propriamente a aquisição linguística de uma segunda língua.

Deduzimos que quanto mais tarde a segunda língua for apresentada a criança, maior serão suas dificuldades de aprendizagem, logo o sistema de ensino necessita de uma reavaliação para alcançar o alunado ainda na educação infantil ou pré-escola comumente chamada.

Os estímulos que a criança recebe através do meio em que vive são fundamentais na potencialização dos resultados da aprendizagem, sejam elas cognitivas, motoras, ou fundamentalmente linguísticas. O fato da língua estar presente em toda e qualquer atividade, sendo o elo de comunicação que permeia o ambiente e convívio da criança, faz dela a premissa para desenvolver as demais atividades. Entretanto, o diferencial nesse processo de aquisição linguística está no processo de repetição.

Conclui-se, portanto, que o desenvolvimento da criança na primeira infância tem influência direta nos anos seguintes de sua vida, trazendo benefícios a curto e longo prazo, efetivando o processo de aprendizagem significativamente, se aplicado nesse período crucial de desenvolvimento infantil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Risonete Lima de. **Os caminhos da língua(gem) na primeira infância.** [s.l.]: [s.n.], [201-?].

CALL, Nicola; FEATHERSTONE, Sally. **Cérebro e Educação Infantil:** Como aplicar os conhecimentos da ciência cognitiva no ensino de criança até 5 anos. 2. Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

COSTA, Ana Luísa; COSTA, Armando; GONÇALVES, Anabela. **Consciência linguística: aspectos sintáticos. Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português.** p. 409-438, 2017.

SANTOS, Daniel Domingues, PORTO, Julia Antola, LERNER, Rogério. **O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem.** Comitê Científico Núcleo Ciência Pela Infância. 2014. Disponível em: https://www.insper.edu.br/wcontent/uploads/2013/08/impacto_desenvolvimento_primeira_inf%C3%A2ncia_aprendizagem_NCPI.pdf. Acesso em 18 out. 2020.

FERREIRA JUNIOR, Fernando Gonçalves. **Em Construção! Uma investigação acerca da natureza dos processos cognitivos envolvidos na aprendizagem de uma segunda língua.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

LUZ, Mariana. **Primeira infância primeiro: Por que as crianças de até 6 anos devem ser prioridade nos planos de governo.** Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/primeira-infancia-primeiro-por-que-criancas-ate-6-anos-devem-ser-prioridade-planos-governo/?s=primeira,inf%C3%A2ncia,primeiro,crian%C3%A7as,anos,devem,prioridade,governo>. Acesso em 05 nov. 2020

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, Eva e Marconi, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Atlas, 1992.

LENNEBERG, E. H. **Biological Foundations of language.** New York: John Wiley & Sons; 1967.

CRISTOVÃO, Vera Lucia Lopes; GAMERO, Raquel. **Brincar aprendendo ou aprender brincando? O inglês na infância.** Campinas: Trab. Ling. Aplic. v. 48, n.2, p.229-245, Jul./Dez. 2009.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. **O ensino de línguas para crianças no contexto educacional brasileiro: breves reflexões e possíveis provisões.** DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, v. 23, n. 2, p. 273-319, 2007.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTANA, Ana Paula. Idade crítica para aquisição da linguagem. **Distúrbios da Comunicação.** São Paulo: v.16. n.3. p. 343-354, dez, 2004.

SANT'ANA, Débora de Mello Gonçales. **Plasticidade neural: as bases neurobiológicas do aprendizado.** In: Anais do I Colóquio Nacional Cérebro e Mente, realizado pelo curso de Filosofia da PUC-PR campus Maringá. [s.d.]. Disponível em:< http://www.cascavel.pr.gov.br/arquivos/27062014_plasticidade_neural_-_capitulo_de_livro.pdf>. Acesso em 11 nov. 2020.

SATO, Cintia De Toro. A LEITURA NA PRIMEIRA INFANCIA E A FORMAÇÃO DE LEITORES. Contemporânea Revista UniToledo: Arquitetura, Comunicação, Design, Educação e História, v. 4, n. 1, 2019.

SILVA, Lilian Kasey da; COSTA, Ana Carolina Dias da. **O ensino da língua inglesa para crianças: uma discussão sobre as implicações do bilinguismo na infância.** Anais Eletrônicos do IV SEFELI, v. 4, 2018.

SILVESTRI, Adriana. Aquisição de linguagem. In: CASTORINA, José A. CARRETERO, Mario. **Desenvolvimento cognitivo e educação: os inícios do conhecimento.** Vol 1. Porto Alegre: Penso, 2013. P. 227-249.

VIEIRA, Maria Clara. Primeira infância: você sabe o que é?. **Crescer.** Site da internet, 2016/04, 08 Abr. 2016. Disponível em: <<https://revistacrescer.globo.com/Primeira-Infancia/noticia/2016/04/primeira-infancia-voce-sabe-o-que-e.html>>. acesso em: 01 out. 2020